ACM agrava disputa entre ministros

Para senador, Serra, que trava briga política com seu colega da Previdência, "pensa que manda no governo e só cria problemas"

Denise Rothenburg
Da equipe do Correio

Um é seu amigo de longa data e ministro da sua quota pessoal. O outro é ministro indicado pelo presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), um pilar do governo no Congresso. O presidente Fernando Henrique chega do México na semana que vem com um grande problema por resolver: seu ministro da Saúde, José Ser-

ra, e o da Previdência, Waldeck Ornelas, que reza pela cartilha do senador baiano, estão numa briga técnica que ontem ultrapassou os limites dos dois ministérios e transformou-se em mais um *front* na guerra aberta entre tucanos e pefelistas.

O motivo da discórdia entre os dois foi a nova lei de contribuição das filantrópicas, regulamentada por um decreto do Ministério da Previdência, editado há um mês. O decreto acabou com a isenção previ-

denciária de entidades que não destinem pelo menos 60% de seus leitos ao atendimento pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Ou seja, entidades fora desse percentual terão que pagar a parte patronal para aposentadoria de seus empregados.

Serra não gostou. Considerou a medida "sádica" e que poderia levar ao fechamento de 2.500 leitos hospitalares. Ele acredita que, sem a isenção, hospitais especializados vão deixar de atender pelo SUS. Aí, foi Ornelas quem reclamou. Ontem, em notícia publicada pelo jornal *O Globo*, Ornelas chamou Serra de "patrono da pilantropia" por defender isenção previdenciária a hospitais. Ontem à tarde, pediu ainda que Serra lhe envie os nomes de hospitais

que deixarão de atender pelo SUS por não ter isenção.

MAIS UM

Durante todo o dia, Serra evitou a tréplica, até que Antônio Carlos, da Bahia, entrou em campo: "Waldeck está certíssimo. José Serra só cria problemas. Pensa que manda no governo, mas nem sabe os números do seu próprio ministério". Serra ficou irado. "A técnica de insultos não leva a nada. A minha preocupação é outra. A possível perda de 2.500 leitos de hospitais da maior complexidade para pessoas carentes. Proponho um acordo: o ACM me critica, como de hábito, mas me ajuda a preservar os 2.500 leitos gratuitos", respondeu.

Serra vai continuar brigando. Sua

equipe prevê problemas de atendimento a carentes em hospitais altamente especializados, como de transplantes. Afirma que o decreto terá que ser revisto e que não é deixar de cobrar contribuição previdenciária dos hospitais, mas dar algum benefício aos altamente especializados.

A divergência entre Antonio Carlos e Serra é antiga. Dos tempos em que o filho do senador, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), presidia a Câmara. Na véspera da votação do Fundo de Estabilização Fiscal (FEF) no plenário, ainda no início do governo, Serra, então ministro do Planejamento, anunciou que iria deixar de liberar recursos previstos no orçamento. Foi uma rebelião na base governista, que quase perde a votação.

Quando Luís Eduardo morreu, em abril do ano passado, Serra foi ao velório, em Salvador, cumprimentou Antônio Carlos, mas foi embora logo depois. Nos bastidores, no entanto, o senador nunca perdoou o ministro por causa daquela votação. Tem até hoje a impressão de que Serra queria expor seu filho a uma derrota política.

Desde então, sempre criticou o tucano, a quem, em conversas reservadas, chama de egocêntrico e pretencioso. Agora, dá mostras que sua insatisfação não ficará restrita a conversas de amigos e que o árbitro terá que ser o presidente Fernando Henrique — enfraquecido pela divulgação das fitas que mostram sua interferência no leilão da Telebrás e cada vez mais dependente do PFL.